



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

LYVILLA ALMEIDA VERAS

**AS MUDANÇAS DO COTIDIANO DE IDOSOS
AO SE APOSENTAR NA PERSPECTIVA DO
MODELO DE OCUPAÇÃO HUMANA**

Brasília – DF

2019

LYVILLA ALMEIDA VERAS

**AS MUDANÇAS DO COTIDIANO DE IDOSOS
AO SE APOSENTAR NA PERSPECTIVA DO
MODELO DE OCUPAÇÃO HUMANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Terapia Ocupacional.

Professor Orientador: Professora Doutora Carolina
Becker Bueno de Abreu.

Brasília – DF

2019

LYVILLA ALMEIDA VERAS

**AS MUDANÇAS DO COTIDIANO DE IDOSOS
AO SE APOSENTAR NA PERSPECTIVA DO
MODELO DE OCUPAÇÃO HUMANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Terapia Ocupacional.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Carolina Becker Bueno de Abreu

Orientadora

Dra. Grasielle Silveira Tavares

Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília

Aprovado em:

Brasília,.....de.....de.....

DEDICATÓRIA

“Dedico este trabalho à minha família que sempre acreditou no meu potencial, em especial ao meu pai, esse guerreiro que batalhou para me dar uma educação de qualidade e tudo o que sempre precisei, colocando minhas necessidades em primeiro lugar. Não posso esquecer-me de mencionar minha querida avó Adelaide, tenho certeza que onde quer que ela esteja, está intercedendo por mim e me guiando. E a todos que estiveram me incentivando e apoiando nesta fase, dando conselhos e me ajudando a perseverar na árdua caminhada em busca do diploma.”

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora, minha mãezinha, que nos momentos de dificuldade me sustentaram e me trouxeram até aqui.

À minha família que sempre acreditou no meu potencial, me orientou e me apoiou, como por exemplo, minha tia Flávia Veras, por fazer papel de mãe na minha vida e o Érico, por todas as trocas de conhecimento e disponibilidade de nos ensinar.

Sou extremamente grata ao meu pai que sempre fez tudo o que pôde para me dar o melhor estudo e a melhor qualidade de vida, investindo em mim, além de todo o amor, carinho e admiração. A minha avó querida, que com todo o seu amor e confiança em vida, me deu forças para continuar, pretendo sempre dar o meu melhor para que ela se orgulhe de mim de onde quer que esteja. Agradeço por tudo, minha família, minha base.

À minha prima e irmã Andrynne, por estar presente mesmo distante, dando apoio e carinho desde sempre. As nossas trocas foram muito importantes para mim, nunca esquecerei a força que você me deu no início da minha graduação.

Ao meu namorado, Júnior, por nunca me deixar desistir, estar sempre ao meu lado, mesmo nos momentos mais complicados de minha vida. Obrigada pelo seu apoio, pela sua paciência e por tudo o que fez e faz por mim. À sua família, por se importarem comigo, eterna gratidão.

Aos amigos que a Universidade de Brasília me deu, Paula, Isabella, Gabriela Vieira e Gabriela Melo. Obrigada por marcarem essa etapa e por estarem comigo desde o início. Obrigada por cada troca de experiência, pela amizade e companheirismo, por cada batalha vencida durante o período de graduação. Agradeço também às amigas que fui fazendo no decorrer do curso, obrigada!

À Professora Carolina Becker, pelas aulas dadas durante a graduação, pelo apoio e transmissão de conhecimento. Obrigada pela paciência durante a elaboração desse projeto. Agradeço pela oportunidade de trocas pela experiência de ter aula com você.

Não poderia deixar de agradecer também a Professora Grasielle, que faz parte da minha banca e que me ajudou bastante durante e depois do Projeto TOCAR, cada troca de experiências vividas e compartilhadas nos encontros me moldaram e me ajudaram a ser quem eu sou hoje. Minha eterna gratidão a você, por ser essa pessoa diferenciada.

Agradeço também a todos os professores que me acompanharam durante o período da minha graduação. Vocês com certeza fizeram toda a diferença, principalmente os que me ajudaram a entender a Terapia Ocupacional.

Agradeço pelos meus preceptores de estágio I e II, Bruna Fassanaro, Kelly Ranyelle e Messias Rodrigues, pelo conhecimento e oportunidades de aprendizado durante o esse período, vocês foram muito importantes para a minha formação na prática. Obrigada pela experiência que me proporcionaram, posso dizer que por conta de vocês, minha formação foi muito rica.

A todos citados, meus sinceros agradecimentos. Cada um de vocês colaborou para o meu processo de aprendizado durante esta caminhada. Obrigada!

“Caminha e o caminho se abrirá. ”

Gassho.

RESUMO

Introdução: a aposentadoria pode ser considerada um dos marcadores sociais importantes na velhice. Neste sentido, há diversas formas de vivenciá-la, uma delas é quando o idoso não faz um planejamento adequado para a sua chegada, o que pode ser um obstáculo no processo de adaptação do cotidiano a esta nova etapa, entretanto há idosos também que almejam a chegada da aposentadoria para desenvolver projetos pessoais. Essas características de enfrentamento vão depender da preparação do idoso e de como ele enxerga este período. **Objetivo:** o objetivo deste estudo é de discutir o processo de aposentadoria e a reorganização do cotidiano, através de ocupações significativas sob a luz do Modelo de Ocupação Humana (MOH) de Gary Kielhofner, que é um Modelo centrado na ocupação. **Metodologia:** foi realizada uma revisão de literatura narrativa, de abordagem qualitativa, onde através dos descritores “Modelo de Ocupação Humana, Aposentadoria e Terapia Ocupacional” foi possível analisar as obras de alguns autores que retratam o processo de aposentadoria, considerando a perspectiva do MOH. **Resultados:** foram selecionados sete estudos escritos por autores brasileiros para a análise de dados. Realizou-se então a leitura integral e desses estudos, onde três referiam-se ao “Modelo de Ocupação Humana e Terapia Ocupacional” e quatro deles eram sobre “Aposentadoria e Terapia Ocupacional”. A leitura permitiu identificar características do MOH encontradas nos estudos de forma direta e indireta, o que possibilitou dividi-los em subcategorias que fazem alusão ao MOH, como a volição, habituação e fazer humano presentes no modelo, discutindo sobre o processo de aposentadoria. **Conclusão:** Tendo em vista os argumentos apresentados, foi possível considerar que o Modelo de Ocupação Humana compreende todo o processo de adaptação do idoso na reconstrução do seu cotidiano e na busca por atividades significativas no processo de pós-aposentadoria, através dos subsistemas de volição, habituação e capacidade de desempenho.

Palavras chave: Aposentadoria. Envelhecimento. Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

Introduction: The retirement can be considered one of the important social markers in old age. In this sense, there are several ways of experiencing it, one of them is when the elderly person does not make adequate planning for their arrival, which can be an obstacle in the process of adaptation of daily life to this new stage, however, the arrival of retirement to develop personal projects. These coping characteristics will depend on the preparation of the elderly and how he sees this period. **Objective:** the objective of this study is to discuss the retirement process and the reorganization of daily life, through significant occupations in the light of the Gary Kielhofner, the Model Of Human Occupation (MOHO), which is an occupation-centered Model. **Methodology:** a narrative literature review was carried out, with a qualitative approach, where the descriptions "Human Occupation Model, Retirement and Occupational Therapy" allowed us to analyze the works of some authors that portray the retirement process, considering the MOHO perspective. **Results:** They were selected seven studies written by Brazilian authors for data analysis. We then read the full text of these studies, where three referred to the "Model of Human Occupation and Occupational Therapy" and four were about "Retirement and Occupational Therapy". The reading allowed identifying characteristics of the MOHO found in the studies in a direct and indirect way, which made it possible to divide them into subcategories that allude to MOHO, such as volition, habituation and human doing in the model, discussing the retirement process. **Conclusion:** In view of the arguments presented, it was possible to consider that the Model Of Human Occupation comprises the whole process of adaptation of the elderly in the reconstruction of their daily life and in the search for significant activities in the post-retirement process, through the volition subsystems, habituation and performance capacity.

Keywords: Retirement. Aging. Occupational Therapy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. JUSTIFICATIVA	23
3. OBJETIVO	24
4. METODOLOGIA	24
4.1 Tipo de Pesquisa	24
4.2 Coleta de dados	25
4.3 Critérios de Inclusão	25
4.4 Critérios de Exclusão	25
4.5 Análise dos dados	25
5. RESULTADO E DISCUSSÃO	26
5.1 Reflexões sobre a Habituação	28
5.2 Reflexões sobre a Volição	30
5.3 Reflexões sobre o Fazer Humano	31
5.4 Reflexões sobre o Modelo de Ocupação Humana no contexto da aposentadoria e ressignificação das atividades do cotidiano	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

1. INTRODUÇÃO

A aposentadoria é um benefício garantido a todo trabalhador brasileiro que completar os requisitos mínimos previstos pela Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, que determina os Planos de Benefícios da Previdência Social, além de outras providências.

Desta forma, Bulla e Kaefer (2003, p. 1) afirmam que “pensar em aposentadoria significa preparar a população que envelhece, para mudanças em suas atividades laborativas, que podem continuar ou não após o recebimento do benefício previdenciário, até sua desvinculação total do mercado de trabalho”.

A previdência social, que garante o benefício previdenciário para idosos ao se aposentar é “um programa de pagamentos em dinheiro [...] ao indivíduo/ou os seus dependentes, geralmente condicionado à preexistência de um vínculo contributivo ao sistema, como compensação parcial ou total da perda de capacidade laborativa”, segundo Camarano (2004, p. 412).

A previdência social é um dos componentes da seguridade social. Considerando este termo, Veras e Lourenço (2006, p. 57) definem a seguridade social como um “conjunto de políticas e ações articuladas com o objetivo de amparar o indivíduo ou seu grupo familiar, ou ambos, ante os eventos decorrentes de morte, doença, invalidez, idade, desemprego e incapacidade econômica em geral”.

O contexto histórico da seguridade social no Brasil se iniciou com a criação e fusão das Caixas de Aposentadorias e Pensões (CAP) para os trabalhadores, através da promulgação da Lei Eloy Chaves, em 1923. Tal lei marcou a intervenção do estado a fim de amparar o trabalhador na sua aposentadoria e propiciou diversas mudanças com o objetivo de ampliar e incluir trabalhadores que poderiam ser beneficiados por ela (CAMARANO, 2004; FREITAS et al, 2013).

Dez anos depois foram criados os Institutos de Aposentadoria e Pensões (IAP), onde a qualidade e quantidade dos benefícios dependiam da profissão exercida, ou seja, os beneficiários eram organizados por categorias profissionais e esses institutos serviam somente para os trabalhadores urbanos. Em 1960 foi criada a Lei Orgânica da Previdência Social (LOPS), que foi responsável pela junção dos Institutos. Então, no ano de 1966, através da união dos institutos, foi criado o Instituto Nacional de Previdência Social, e, para organizar as atividades e os programas, foi necessário em 1970, criar o Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social (SINPAS) (FREITAS et al, 2013).

A Constituição Federal de 1988 adotou um princípio mais amplo de amparo ao cidadão com a Seguridade Social. No artigo 194, a seguridade social “compreende um conjunto integrado de ações de iniciativa dos Poderes Públicos e da sociedade destinadas a assegurar os direitos relativos à saúde, à previdência e à assistência social”.

Camarano (2004, p. 413) discute de acordo com o que a Constituição dispõe, que:

O texto constitucional estabeleceu como princípios básicos para o novo sistema a universalização da cobertura, a equivalência de benefícios urbanos e rurais, a seletividade na concessão dos benefícios, a irredutibilidade do valor das prestações, a equanimidade no custeio, a diversificação da base de financiamento, a descentralização e participação de trabalhadores na gestão, avançando no sentido de conceituar a seguridade social como um contrato social coletivo, integrante do próprio direito de cidadania, em que benefícios seriam concedidos conforme a necessidade e o custeio seriam feito segundo a capacidade de cada um (CAMARANO, 2004, p. 413).

Atualmente, o mundo do trabalho oferece certa instabilidade, o que de certa forma influencia o processo de aposentadoria. Fazer um planejamento da saída da atividade laboral está cada vez mais difícil, visto que as pessoas sentem receio de sair totalmente de cenário laboral e não possuir a mesma condição de vida (PINTO, COELHO-JÚNIOR e CARRETEIRO, 2019).

“A aposentadoria pode ser compreendida como a porta de entrada para a velhice, por quase sempre coincidir com a chamada terceira idade” (FREITAS et al, 2013, p. 2335). Ela pode ser vivida como uma espécie de rito, que desafia o indivíduo através do envelhecimento, isto é, até os termos utilizados para definir sua ocupação no momento, como sujeito “ativo” ou “inativo”, pode ter diversos significados para o indivíduo (PINTO, COELHO-JÚNIOR e CARRETEIRO, 2019).

“O envelhecimento populacional é, hoje, um fenômeno mundial. Isto significa um crescimento mais elevado da população idosa com relação aos demais grupos etários” (VERAS e LOURENÇO, 2006). Com o aumento no índice da expectativa de vida, é importante observar que:

Segundo a OMS, até 2025 o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos. De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde – Opas – OMS, entre 1980 e 2000 a população com 60 anos ou mais cresceu 7,3 milhões, totalizando mais de 14,5 milhões em 2000. Esse aumento significativo tem sido provocado pelo decréscimo das taxas de natalidade e mortalidade no mundo inteiro, sendo esse último fator fruto da melhoria considerável da qualidade de vida de toda a população. O Ministério da Saúde afirma que há uma expectativa de que no ano de 2050, tanto no Brasil, bem como em todo o mundo, existirão mais idosos do que crianças e adolescentes abaixo dos 15 anos (RIBEIRO et al, 2015, p. 145).

Envelhecer é um processo essencial e comum a todos os seres humanos. (SILVA, 2009). Papaléo Netto (2007) afirma que o envelhecimento é o processo que abrange

alterações físicas, psicológicas e funcionais que determinam a perda da capacidade de adaptação ao meio ambiente e pode gerar maior vulnerabilidade do indivíduo. A velhice tem como marco a redução da capacidade de trabalho e associa-se a perda de papéis sociais, solidão, perdas psicológicas e motoras e perdas afetivas.

Nessa fase é comum esses sujeitos deixarem de reconhecer suas potencialidades, pois a sociedade não os vê como “seres produtivos”, seja pela aposentadoria, por estarem desempregados, ou pelas limitações no padrão de vida. O trabalho após a aposentadoria é visto como uma busca da continuidade do indivíduo em uma atividade laboral formal ou informal (RIBEIRO et al, 2015).

Entretanto, muitos idosos aproveitam para empreender seu próprio negócio, não só para aumentar a renda, mas por querer fazer o que gosta e ter uma melhor qualidade de vida. Dessa forma, o trabalho pode ser fonte de prazer ou de sustento para o idoso. Considerando as questões de envelhecimento populacional e a conseqüente ampliação das demandas sociais relacionadas à velhice, a preocupação com o bem-estar, o cotidiano e as representações sociais e culturais para essa faixa etária estão cada vez mais presentes (SPIRDUSO, 2005).

Heller (1994, p. 22) afirma que “quanto mais dinâmica é a sociedade, quanto mais casual é a relação do particular com o ambiente em que se encontra ao nascer, tanto mais o homem está obrigado a colocar continuamente à prova sua capacidade vital”.

Segundo Bulla e Kaefer (2003), as mudanças que o trabalho e a aposentadoria provocam na vida do sujeito e no seu modo de agir na sociedade são cheias de significados e essa relação com a sociedade se define através de suas capacidades, visto que as dificuldades enfrentadas pelo sujeito servem para inseri-lo no contexto histórico, político, econômico e social.

Todavia, entende-se a aposentadoria como parte de um processo da vida que afeta de diferentes formas cada indivíduo, além de causar impacto no seu cotidiano. Para Silva (1999), a ocupação do cotidiano tem uma grande representação social relacionada com o trabalho. Quando o sujeito deixa de trabalhar, o tempo que era destinado à sua atividade laboral fica livre, no entanto, esse tempo pode ser destinado a outras atividades. A autora afirma ainda que a saída do mundo do trabalho possa representar uma ruptura no seu reconhecimento, sendo necessária uma reorganização do projeto de vida dessa pessoa.

Para Galheigo (2003, p. 106), “a vida cotidiana é heterogênea em conteúdo e significação e o cotidiano traz as marcas da singularidade do sujeito e toma forma a partir de suas necessidades, valores, crenças e afetos”.

Heller (1985, p.18) afirma que “são partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, o lazer e o descanso, a atividade social sistematizada [...]”. Diante deste pensamento, observa-se que o ser humano necessita de atividades e interações sociais, elementos que são necessários e fazem parte vida cotidiana.

Kunzler (2009, p. 36), ao falar sobre cotidiano afirma que ele “é o “cenário” da vida, onde se alteram a todo o instante os valores, costumes, normas e tradições. É nele que o homem através de suas práxis se relaciona com o mundo e com os demais homens, originando recíprocas transformações”.

Conforme o ser humano envelhece, ele perde seu valor social por não produzir mais como antes, tendo em vista que a sociedade capitalista valoriza a produtividade. (MENDES, et al, 2005). Entretanto, muitas pessoas ao se aposentar encontram-se em plenas condições físicas e intelectuais, necessitando de atividades (MARGALHO, 2005). Para a Terapia ocupacional, as atividades proporcionam o ser humano de descobrir interesses, habilidades e potencialidades trilhando os campos das atividades e das produções humanas (CASTRO, LIMA e BRUNELLO, 2001).

Riego (2005, tradução nossa) afirma que segundo o autor Gary Kielhofner, a ocupação é a principal atividade do ser humano, ela é resultado de um processo evolutivo que resulta no desenvolvimento de necessidades biológicas, psicológicas e sociais. O contexto ambiental, o indivíduo, o significado, o propósito, e o desempenho em ocupações são importantes para compreender o ser humano como um “ser ocupacional” (COSTA et al, 2017).

Neste sentido, Carleto, et al (2010 p. 61) defende que a “A Terapia Ocupacional é fundamentada na compreensão de que o envolvimento em ocupações estrutura a vida cotidiana e contribui para a saúde e o bem-estar”.

Em relação à ocupação, Magalhães (2013, p. 258) fez um estudo onde cita que a Federação Mundial dos Terapeutas Ocupacionais (WFOT), define como objetivo principal da Terapia Ocupacional:

[...] facilitar a participação das pessoas em suas atividades diárias. Terapeutas ocupacionais alcançam esse objetivo trabalhando com indivíduos e comunidades para enriquecer suas possibilidades de engajamento em ocupações que eles querem, precisam ou espera-se que façam, seja pela modificação da ocupação ou dos ambientes, para facilitar e dar suporte ao seu engajamento ocupacional (WFOT, 2012 apud MAGALHÃES, 2013, p. 258).

Através dessa definição, a autora argumenta que na citação acima, a WFOT mostra um modelo de intervenção terapêutica que evidencia o empoderamento de indivíduos, através do suporte do Terapeuta Ocupacional, onde o profissional passa a facilitar a participação das pessoas em suas atividades.

Paulin e Oliveira (2009) ressaltam a importância da intervenção do terapeuta ocupacional antes e após a aposentadoria. Afirmam que o terapeuta pode contribuir para que os idosos sejam sujeitos ativos ao se reconhecerem diante da nova situação e para que as atividades contribuam para uma ação transformadora, onde a relação que se estabelece na tríade terapeuta-paciente-atividade sustenta o processo.

É nesta linha de raciocínio que o presente trabalho caminha, evidenciando o contexto da ocupação em Terapia Ocupacional para intervir com idosos ao se aposentar, tendo como fundamentação teórica a perspectiva do Modelo de Ocupação Humana (MOH), ante a reorganização do cotidiano diante da aposentadoria.

O Modelo de Ocupação Humana tem como principal criador Gary Kielhofner e alguns colaboradores. Em 1970 a Terapia Ocupacional sofria por conta de sua falta de identidade e o autor percebeu que a profissão necessitava de uma teoria geral que pudesse definir a ocupação. Por volta dos anos 1980, o MOH foi desenvolvido e publicado pela primeira vez com o objetivo de formar uma base teórica para a terapia ocupacional, além de criar subsídios para a sua clínica e apresentar uma possibilidade de teoria global sobre a ocupação. Os autores sugeriram que o novo paradigma deveria se basear na Teoria Geral dos Sistemas e no conceito de ocupação humana, que possui uma visão holística do homem. Esse paradigma poderia ser aplicado na teoria e na prática da profissão (KIELHOFNER, 2004, tradução nossa; SILVA e CASSIANO, 2006; MOHO, 2019).

Para explicar a Teoria Geral dos Sistemas, faz-se necessário ter um adendo neste estudo, para explicá-la de forma breve. A Teoria Geral dos Sistemas enfatiza que um homem pode se manter e se equilibrar no mundo através de uma visão mais abrangente, onde ocupa seu lugar no mundo físico, temporal e simbólico de forma ativa e desempenha papéis sociais produtivamente (SOARES, 1991). É nessa teoria, que, a princípio, Kielhofner se baseia para criar o Modelo de Ocupação Humana.

O MOH tem como foco aspectos psicossociais e culturais da ocupação. A estrutura do Modelo e seu conteúdo explicam que a ocupação humana é como um sistema aberto que interage com seu ambiente, está em constante mudança por conta da sua interação e organiza o comportamento humano. Esse sistema aberto é espontâneo e trabalha de acordo com certas características inatas que formam a base da ocupação e se referem ao impulso humano básico de explorar o mundo (SILVA e CASSIANO, 2006).

A ocupação tem como elemento fundamental a experiência humana, que se baseia em comportamentos ocupacionais motivados por valores e crenças socioculturais. A necessidade

de se envolver em ocupações é inata quando relacionada à saúde, qualidade de vida e bem-estar e torna o ser humano capaz de se manter e de ser próspero em suas atividades (WILCOCK, 1993, tradução nossa).

O Modelo de Ocupação Humana tem como característica o sistema do ser humano, que é produzido e modelado pela natureza de seu comportamento ocupacional. Ele é o que ele faz, e quanto às suas ocupações, ele mesmo cria suas habilidades, conceitos próprios e identidades. Já a terapia ocupacional é caracterizada por engajar as pessoas em um comportamento ocupacional que ajuda a manter, restaurar, organizar ou desenvolver suas capacidades, motivos e estilos de vida (KIELHOFNER; BARRETT, 2010).

A definição do Modelo de Ocupação Humana é dada pelos autores como o “[...] desempenho das atividades de vida diária, trabalho e lazer nos contextos temporal, físico e sociocultural que caracterizam boa parte da vida humana” (KIELHOFNER, 2008, p. 5, apud STOFFEL & NICKEL, 2013).

O MOH tenta explicar como a ocupação é motivada, adota padrões e é executada. Ao oferecer explicações de fenômenos tão diversos, o modelo oferece uma visão ampla e integradora da ocupação humana. Consequentemente, incorpora uma vasta gama de fenômenos e conceitos correspondentes (KIELHOFNER, 2004, tradução nossa).

Conforme o Modelo, a ocupação humana é definida pela relação dinâmica entre a volição, habituação e capacidade de desempenho, e esses subsistemas irão sofrer a influência do ambiente no qual o sujeito se insere. A volição é a motivação da pessoa para a ocupação. A habituação refere-se ao processo pelo qual a ocupação é organizada por hábitos e papéis, de acordo com uma rotina e com o ambiente. E a capacidade de desempenho diz respeito a “habilidade de fazer”, envolvendo componentes físicos, mentais e a subjetividade do sujeito (KIELHOFNER, 2008, apud STOFFEL & NICKEL, 2013; KIELHOFNER, 2004, tradução nossa).

“A volição, a habituação, a capacidade de desempenho e o meio ambiente estão sempre juntos, criando condições a partir das quais nossos pensamentos, sentimentos e nossas ações surgem” (KIELHOFNER, 2004, p. 43, tradução nossa).

Os tópicos que aqui serão mencionados são parte do livro de Kielhofner, intitulado de Terapia Ocupacional, Modelo de Ocupación Humana: Teoría y Aplicación do ano de 2004, no qual este estudo foi fundamentado.

Volição

A Volição é um padrão de pensamentos e sentimentos do indivíduo. Ela acontece de acordo com a perspectiva lógica que o indivíduo possui sobre si e o meio ambiente ao qual ele pertence. Esta lógica é adquirida através da própria cultura e de trocas contínuas com o outro (BRUNER, 1990; GERGEN e GERGEN, 1983, 1988; MARKUS, 1983 apud KIELHOFNER, 2004). Os processos volitivos fazem parte de um ciclo que apresenta os processos volitivos de experiência, interpretação, antecipação e escolha de atividades, definidas como:

- **Experiência:** “se refere aos pensamentos e sentimentos imediatos que surgem no meio do desempenho” (KIELHOFNER, 2004, tradução nossa). Pode-se afirmar que a experiência é a crítica do indivíduo durante o desenvolvimento da atividade, significa que a pessoa pode ter pensamentos e sentimentos bons ou ruins, como por exemplo a dúvida ou a confiança pessoal.
- **Interpretação:** “se define como a recordação e a reflexão sobre o desempenho em termos de sua importância para a própria pessoa e para o outro”. (KIELHOFNER, 2004, tradução nossa). O sujeito interpreta a atividade/ocupação, avalia se a atividade vale a pena ser reproduzida e opta por fazê-la ou não.
- **Antecipação:** “é o processo de notar potencialidades ou expectativas para a ação e reagir a eles. [...] conduz naturalmente a decisões sobre o que fazer.” (KIELHOFNER, 2004, tradução nossa). A antecipação é quando a pessoa pensa no que pode ser feito de imediato ou futuramente, ela é cercada de expectativas, ações e obrigações.
- **Escolha de atividade/ocupação:** São atividades que ocorrem quando o indivíduo pode escolher se quer ou não fazer, baseadas na oportunidade ou na necessidade de fazê-la (KIELHOFNER, 2004, tradução nossa). As ocupações são mais complexas e são uma parte importante da vida da pessoa, pois podem representar compromissos e regular o cotidiano. A escolha ocupacional é definida por Kielhofner (2004, p. 20, tradução nossa) como “compromissos deliberados para ter um papel ocupacional, adquirir um novo hábito ou empreender um projeto pessoal”.

Os pensamentos e sentimentos volitivos incluem *causalidade pessoal, valores e interesses* (KIELHOFNER, 2004). A causalidade pessoal, os valores e os interesses aparecem através dos sentimentos e pensamentos sobre o que o ser humano faz de melhor, e a importância do fazer, portanto, a volição só pode ser examinada através da relação dinâmica desses três aspectos importantes.

- **Causalidade pessoal:** há três componentes importantes que a define: o senso de habilidade, a autoeficácia e a auto apreciação. O senso de habilidade se trata do quanto o sujeito é capaz. Geralmente, quando o ser humano observa que não possui habilidade necessária para desempenhar qualquer atividade, o mesmo tende a não realizá-la; A autoeficácia se trata da análise do autocontrole e a capacidade de se alcançar o que se deseja; A apreciação é a maneira pela qual alguém julga sua própria capacidade e eficácia, os pensamentos e sentimentos sobre a capacidade e o controle pessoal trazem fortes emoções (KIELHOFNER, 2004, tradução nossa).
- **Valores:** “são adquiridos como um conjunto coerente de convicções. A medida que as convicções são internalizadas, adquire-se uma forte necessidade de se atuar em concordância entre o processo de antecipar, escolher, experimentar e interpretar” (KIELHOFNER, 2004, tradução nossa). Os valores também incorporam as convicções pessoais e o sentido de obrigação.
- **Interesses:** é quando a pessoa gosta de fazer a ação. Tem como base a experiência de prazer e a satisfação de realizar as atividades. (KIELHOFNER, 2004, tradução nossa).

Em suma, o ciclo do processo volitivo e seus valores, interesses e causalidade pessoal estão intimamente ligados ao “fazer” e o MOH busca compreender como funciona este fazer, estruturando cada aspecto do desenvolvimento do ser humano através de sua motivação.

Habituação

Segundo Kielhofner (2004, tradução nossa) a habituação é um padrão semiautônomo de comportamento. Este comportamento é organizado em concordância com os ambientes que o sujeito participa. Representa aspectos presentes na vida cotidiana. Uma influência muito importante para a habituação é o meio ambiente, que vai desenvolver características importantes para as formas do fazer. Define-se habituação como uma disposição internalizada para mostrar padrões consistentes de comportamento guiados por hábitos, papéis, e ajustados a características dos ambientes temporais, físicos e sociais de rotina.

Hábitos “são tendências adquiridas para responder automaticamente e executar padrões do fazer em ambientes ou situações conhecidas” (KIELHOFNER, 2004, p. 72 tradução nossa). Para Bourdieu (1977, apud Kielhofner 2004, tradução nossa) os hábitos são “um sistema de disposições transferíveis e duradouras que, integrando experiências passadas, funciona sempre como uma matriz de percepções, apreciações e ações ”. O autor relata

aindaque, ao se aprender um hábito, se aprende um conjunto de regras para saber de que modo se comportar no meio social.

Serão definidos de acordo com o MOH, em Hábitos de Desempenho Ocupacional, Hábitos de Rotina e Hábitos de Estilo:

- **Hábitos de Desempenho Ocupacional:** o desempenho ocupacional tem influência da habituação e dos fatores ambientais e requer o uso de objetos e espaços. É a capacidade para escolher, organizar e desempenhar funções significativas, definidas culturalmente e apropriadas para cada etapa de desenvolvimento, resultando da interação entre indivíduo, ocupação e ambiente (AOTA, 2015).
- **Hábitos de Rotina:** Seamon (1980 apud Kielhofner 2004, tradução nossa) refere-se a eles como rotinas de tempo-espaço, uma vez que são comumente ligadas não apenas ao tempo, mas também ao lugar ou à maneira como o sujeito interage no espaço. Os hábitos de rotina ajudam o ser humano a se localizarem no tempo, permite estar e fazer o que deve ser feito no dia/semana.
- **Hábitos de Estilo:** Dewey (1922 apud Kielhofner 2004, tradução nossa) diz que os hábitos são o “estilo de estar no mundo”. Eles se encontram na relação interpessoal, como por exemplo, os hábitos de estilo social que definem se a pessoa é calma, direta ou evasiva.

Os papéis ocupacionais do sujeito é um dos focos importantes na intervenção da Terapia Ocupacional. São definidos como:

[...]conjuntos de comportamentos esperados pela sociedade e moldados pela cultura e contexto; eles podem ser ainda mais conceituados e definidos por um cliente (pessoa, grupo ou população). Os papéis podem fornecer orientações em ocupações ou podem ser usados para identificar as atividades relacionadas com certas ocupações com as quais o cliente se envolve (AOTA, 2015, p. 8).

“Quem somos está interligado com os papéis que ocupamos” (CARDWELL, 1971; RUDDOCK, 1976; SCHEIN, 1971, TURNER, 1962 apud KIELHOFNER, 2004, tradução nossa). Os papéis ocupacionais são tão importantes na sociedade atual que identifica o sujeito, essa característica é passada por gerações, pois esses papéis são altamente internalizados de forma pessoal na vida e no cotidiano.

Segundo Gary Kielhofner (2004, tradução nossa) os papéis organizam influenciando a forma e o conteúdo das ações. Cada papel tem uma forma variada de ações e moldam as ações do sujeito. Esses papéis ocupacionais dividem os ciclos diários e semanais em horários programados para executá-los.

Durante todo o ciclo evolutivo (infância, adolescência, fase adulta e velhice), há mudanças em papéis ocupacionais. Por exemplo, uma criança não irá fazer o que um adulto faz, pois é necessário passar pelos processos de desenvolvimento e volitivos para conseguir realizar tais atividades que demandam experiência.

Kielhofner (2004, p. 83, tradução nossa), afirma que na infância, os pais dão suporte para a criança desempenhar papéis e conforme o tempo passa, a criança entende que consegue realizá-los de forma independente. Aprende-se também formas de se comunicar, caracterizada pela socialização. A socialização é um processo contínuo, pois faz parte do cotidiano e demanda mudança de papéis durante toda a vida. Essas mudanças de papéis são relatadas pelo autor como algo complexo, pois influenciará em alterações na própria identidade ocupacional, nas relações com o outro, nas tarefas que o outro espera que seja realizada e no próprio estilo de vida.

Capacidade de Desempenho

Para o MOH, a capacidade de desempenho é a capacidade de fazer coisas através da condição dos componentes físicos e mentais. Ela depende do estado dos sistemas corporais do sujeito e das habilidades mentais e cognitivas, como memória e planejamento. É característica da capacidade de desempenho, que o indivíduo tenha a experiência de conhecer o mundo através do seu próprio corpo, essa característica é definida como “corpo vivido” para o MOH (KIELHOFNER, 2004, tradução nossa).

Meio Ambiente e Ocupação

O meio ambiente possui características físicas e sociais particulares, nele a ação de fazer impacta o modo como se faz. O meio ambiente físico e social sofre interferência da cultura (crenças e percepções, valores e normas, costumes e condutas), que é compartilhada por um grupo na sociedade e passada através da educação familiar e social (ALTMAN e CHEMERS, 1980; BRAKE, 1980; OGBU, 1981; RAPOPORT, 1980 apud KIELHOFNER, 2004, tradução nossa).

O meio ambiente físico é o espaço onde as ocupações ocorrem. Esses espaços dão forma ao fazer e oferecem oportunidades. As ocupações têm espaços específicos que são construídos e reconhecidos pelos membros da cultura (KIELHOFNER, 2004, tradução nossa).

O meio ambiente social inclui os grupos de pessoas e as formas ocupacionais com que eles se identificam, possuem recursos e oportunidades que restringem a ação. Os grupos

sociais são grupos de pessoas que se reúnem com propósitos formais e informais distintos e influenciam o fazer dentro deles. A maioria desses grupos tem tempo de duração e possui uma organização interna. Estes grupos tem uma influencia importante sobre o desenvolvimento de papeis ocupacionais, dado que esses papeis são aprendidos na pertença ao grupo (KIELHOFNER, 2004, tradução nossa).

O fazer humano

O fazer pode ser classificado em três categorias: participação ocupacional, desempenho ocupacional e habilidade ocupacional.

A participação ocupacional refere-se à participação no trabalho, lazer, ou atividades de vida diária que fazem parte do contexto sociocultural e que influenciam no bem-estar do sujeito. Ela é influenciada em geral pela capacidade de desempenho, habituação, volição e também pelas condições do ambiente (KIELHOFNER, 2004, tradução nossa).

O desempenho ocupacional ou habilidade de desempenho ocupacional são as habilidades que o individuo consegue realizar (AOTA, 2015).

As habilidades ocupacionais são as ações que o individuo consegue realizar através de seu desempenho. Refere-se às ações concretas realizadas no meio da realização de um aspecto ocupacional. (KIELHOFNER, 2004, tradução nossa)

As vivencias das pessoas consistem em diversas formas de participação ocupacional, essa participação acontece por meio de sua identidade, competencia e sua adaptação ocupacional (KIELHOFNER, 2004, tradução nossa).

A identidade ocupacional se caracteriza pelas rotinas familiares, percepção do meio ambiente, atividades realizadas por prazer e por papeis e relacionamentos os quais ele desenvolve. Todos esses aspectos fazem parte da história ocupacional de cada indivíduo. A volição, habituação e experiência se integram à identidade ocupacional, que se caracteriza pelo fazer, ou seja, o indivíduo possui capacidade e realiza atividades com eficácia, participa de atividades interessantes e satisfatórias, bem como suas obrigações, que também se encaixam no fazer.

“Enquanto a identidade tem a ver com o significado subjetivo da vida ocupacional, a competencia tem a ver com colocar essa identidade em ação continuamente” (KIELHOFNER, 2004, p. 137, tradução nossa). A competencia ocupacional tem como característica cumprir as expectativas dos proprios papeis ocupacionais, valores e padrões de desempenho, manter uma rotina que permite ter responsabilidades, participar de ocupações, tendo como base os

proprios valores, agir de forma a conseguir resultados desejados na vida (KIELHOFNER, 2004, tradução nossa).

A adaptação ocupacional é a construção da identidade ocupacional e competência ocupacional positiva, no contexto do ambiente que o indivíduo participa. Ela é a consequência da própria história de participação nas ocupações vitais (KIELHOFNER, 2004, tradução nossa). A medida que o sujeito se desenvolve, ele tem que se adaptar ao contexto, esse contexto nomeado como ambiente, tem relação com o processo volitivo. Quando o sujeito apresenta alguma ameaça tanto na identidade ocupacional quanto na competência ocupacional, ele pode desenvolver alguma dificuldade de realizar sua adaptação ocupacional.

2. JUSTIFICATIVA

O envelhecimento populacional foi resultado da queda de fecundidade da população, que reduziu a população jovem e aumentou a proporção da população idosa no Brasil (CAMARANO e KANSO, 2009). Nesse contexto, o envelhecimento populacional é foco de diversos estudos que tendem a colaborar para a melhoria da qualidade de vida desses idosos, em como seu papel na sociedade.

O interesse pelo tema surgiu após o Estágio I em Terapia Ocupacional proporcionar a experiência de atendimentos com um idoso no ambulatório do Serviço de Saúde do Hospital Psiquiátrico São Vicente de Paulo e no Estágio II, no Longeviver – DF, uma clínica particular que atende a idosos, no geral aposentados.

Com saída do trabalho, pode haver uma grande mudança que afeta a rotina, os hábitos, papéis sociais e interfere na organização ocupacional dos sujeitos. Essa mudança do cotidiano acontece através da chegada da aposentadoria, um fenômeno que pode ser enfrentado de diversas formas. Por muito tempo a aposentadoria era compreendida como o momento de tomada de decisão, onde a pessoa tem de diminuir seu compromisso com as atividades laborativas. Entretanto, ela também pode ser conceituada como um processo de ajuste que inclui a saída do emprego e a vida após a aposentadoria (XAVIER et al, 2017).

O Modelo de Ocupação Humana é formado por subsistemas e busca compreender os conceitos dos papéis ocupacionais que estão inseridos nele. Estes papéis fundamentam a participação ocupacional de cada ser humano e os comportamentos produtivos do mesmo (KIELHOFNER, 2008). Considerando que o trabalho é um dos principais papéis ocupacionais da vida e do cotidiano, a chegada da aposentadoria é um fenômeno importante que necessita de uma atenção especial da Terapia Ocupacional, visto que cada indivíduo tem sua forma de enfrentá-la.

Os resultados desse trabalho permitirão uma nova compreensão da Terapia Ocupacional sobre a aposentadoria através da perspectiva do Modelo de Ocupação Humana de forma que os terapeutas ocupacionais possam analisar as ocupações de idosos ao se aposentar, que necessitam reorganizar suas atividades do cotidiano.

3. OBJETIVO

Discutir sobre o processo de aposentadoria sob a luz do Modelo de Ocupação Humana, a fim de contribuir para a intervenção terapêutica ocupacional no contexto da reorganização do cotidiano e das ocupações de idosos ao se aposentar.

4. METODOLOGIA

4.1 Tipo de Pesquisa

Neste estudo, foi realizado uma Revisão de Literatura Narrativa de natureza qualitativa como estratégia metodológica, pois através dela é possível acessar experiências de outros autores sobre o tema em questão e utilizar a compreensão deste assunto sob o ponto de vista do autor (SILVA e TRENTINI, 2002).

A revisão da literatura, definida por Cooper e Hedges em 1994, é caracterizada pela análise e síntese da informação disponibilizada através dos estudos publicados sobre o tema de pesquisa, com o objetivo de o conhecimento existente e concluir sobre o assunto de interesse (MANCINI e SAMPAIO, 2006).

Segundo estudos realizados por Ribeiro (2014), a revisão narrativa é uma revisão de literatura qualitativa que fornece sínteses narrativas e compreensivas, de informações publicadas anteriormente. Constitui de instrumentos que unem informações de forma simples, apresentando uma perspectiva ampla do tema de revisão.

Este tipo de revisão tem como finalidade descrever e discutir o desenvolvimento de um determinado assunto de forma teórica e contextual, através de análises da literatura publicada em livros, artigos de revista impressas ou digitais, e o processamento desses dados é feito através da interpretação e análise crítica do autor (RIBEIRO, 2014).

A revisão narrativa é considerada uma metodologia parcial, pois permite que o pesquisador utilize o relato de outros trabalhos pesquisados, a partir de sua compreensão sobre os trabalhos de outros pesquisadores (GONÇALVES, 2010).

4.2 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada entre a data de 29 de maio a 04 de junho de 2019. Foram selecionados artigos de 2000 a 2019, em português, que possuem relação com o tema abordado neste estudo. Foram consultadas as seguintes bases de dados e bibliotecas virtuais:

- Scientific Electronic Library Online (SCIELO);
- Google acadêmico (Scholar Google);
- Biblioteca Virtual em Saúde (BVS);
- Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional;
- Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo;
- Biblioteca Digital de Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Os descritores utilizados foram: “Modelo de Ocupação Humana e Terapia Ocupacional” e “Aposentadoria e Terapia Ocupacional”. Vale ressaltar que julgou-se necessário ampliar a amostra na busca da base de dados para se obter uma discussão mais rica acerca do tema deste estudo.

4.3 Critérios de Inclusão

- Abordar o tema aposentadoria e intervenção da terapia ocupacional tendo como base teórica o modelo de ocupação humana;
- Artigos que tenham como descritores a aposentadoria e terapia ocupacional;
- Artigos publicados dos anos 2000 a 2019.

4.4 Critérios de Exclusão

- Artigos que abordam idosos aposentados que continuaram a trabalhar após a aposentadoria;
- Artigos que apontam o Modelo de Ocupação Humana em outros contextos, diferentes do tema abordado neste estudo.

4.5 Análise dos dados

Os estudos foram analisados criteriosamente, de modo que as informações obtidas pudessem ser utilizadas na discussão. A análise consistiu em classificar os estudos selecionados, seguindo as principais teorias do MOH, identificadas nos trabalhos e conceituadas no presente estudo, como Volição, Fazer Humano e Habituação.

5. RESULTADO E DISCUSSÃO

Foram selecionados 7 estudos, os quais abordavam o tema em questão desta pesquisa. Dentre os estudos selecionados, 3 deles referem-se à Aposentadoria e o Modelo de Ocupação Humana e os outros 4 estudos são referentes a Aposentadoria e a Terapia Ocupacional. Estes estudos estão representados no Quadro 1, abaixo:

Quadro 1 – Artigos sobre Aposentadoria e Modelo de Ocupação Humana

Autores/Ano	Artigos selecionados	Base de dados
VILELA e PAULIN, 2014.	Estou me aposentando, e agora? Contribuições da Terapia Ocupacional na reorganização do cotidiano.	Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional
NASCIMENTO e POLIA, 2019.	Planos para o futuro: uma análise da perspectiva ocupacional de professores universitários para o período da aposentadoria.	SCIELO
REBELLATO, 2012.	Relações entre papéis ocupacionais e qualidade de vida em idosos independentes residentes na comunidade: um estudo seccional.	Biblioteca Digital de Brasileira de Teses e Dissertações
PAULIN e OLIVEIRA, 2009.	Terapia ocupacional no processo de envelhecimento e aposentadoria: construção de espaços saudáveis.	Biblioteca Virtual em Saúde
XAVIER et al, 2017.	A aposentadoria na perspectiva ocupacional: continuidade do curso de vida e novas possibilidades.	Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo
SANTANA e BELCHIOR, 2013.	A velhice nas telas do cinema: um olhar sobre a mudança dos papéis ocupacionais dos idosos.	Google Acadêmico
TIVERON, 2008.	A terapia ocupacional no campo da gerontologia: uma contribuição para revisão de projetos de vida.	Biblioteca Digital de Brasileira de Teses e Dissertações

A metodologia adotada pelos estudos foi: dois artigos de abordagem descritivo-exploratória e uma dissertação de mestrado também descritivo-exploratória, de natureza quantitativa, um estudo de caso de abordagem qualitativa, um estudo qualitativo, um estudo de pesquisa documental também de natureza qualitativa e uma dissertação de mestrado de pesquisa qualitativa, respectivamente.

A discussão propõe evidenciar estudos que utilizam a perspectiva do modelo de ocupação humana e pretende contextualizar como o Modelo de Ocupação Humana pode colaborar para fundamentação teórica e discussão dos outros estudos escolhidos, visto que os mesmos não mencionam o uso o MOH.

A análise refinada dos quadros permitiu identificaras 3 subcategorias do Modelo de Ocupação Humana que foram evidentes nos estudos e que serão abordadas em tópicos nesta pesquisa, são elas: *habituação*, *volição* e *fazer humano*.

Os estudos que fazem referência a *habituação* são: “Estou me aposentando, agora? Contribuições da Terapia Ocupacional na reorganização do cotidiano” de Vilela e Paulin (2014), “A velhice nas telas do cinema: um olhar sobre a mudança dos papéis ocupacionais dos idosos” de Santana e Belchior (2013), o estudo de caso “Terapia ocupacional no processo de envelhecimento e aposentadoria: construção de espaços saudáveis” das autoras Paulin e Oliveira (2009) e as dissertações de mestrado “Relações entre papéis ocupacionais e qualidade de vida em idosos independentes residentes na comunidade: um estudo seccional” de Rebellato (2012) e “A terapia ocupacional no campo da gerontologia: uma contribuição para revisão de projetos de vida” de Tiveron (2008).

Outra subcategoria MOH que foi utilizada refere-se à *volição*. Os estudos presentes nesta subcategoria são: “Planos para o futuro: uma análise da perspectiva ocupacional de professores universitários para o período da aposentadoria” de Nascimento e Polia (2019) e a dissertação de mestrado de Tiveron (2008) denominada de “A terapia ocupacional no campo da gerontologia: uma contribuição para revisão de projetos de vida”.

O estudo de caso “Terapia ocupacional no processo de envelhecimento e aposentadoria: construção de espaços saudáveis” de Paulin e Oliveira (2009) e “A aposentadoria na perspectiva ocupacional: continuidade do curso de vida e novas possibilidades” de Xavier, et al. (2017) discutem sobre o *fazer humano*, que é um dos tópicos discutidos no MOH.

5.1 Reflexões sobre a Habituação

A habituação representa todos os aspectos da vida cotidiana dos indivíduos, como por exemplo, seus papéis ocupacionais. Alguns dos estudos selecionados (VILELA E PAULIN, 2014; SANTANA e BELCHIOR, 2013; PAULIN e OLIVEIRA, 2009; REBELLATO, 2012; TIVERON, 2008) abordam este assunto.

A habituação é um padrão de comportamento passado de indivíduo para indivíduo, os hábitos são relacionados com o ambiente ao qual a pessoa convive. Um exemplo disso são as diferentes culturas que existem pelo mundo. Cada uma delas possui hábitos distintos e as pessoas que fazem parte dessas culturas criam hábitos que perpassam de geração em geração.

Kielhofner (2014, tradução nossa) defende que a interação de cada ambiente com o sujeito faz com que o sujeito tenha formas diferentes de fazer, ou seja, o ambiente interfere diretamente nos hábitos do ser humano.

A habituação possui três definições, são eles hábitos de desempenho ocupacional, que contextualizando com o tema deste estudo e dos presentes artigos aqui mencionados, é o uso dos espaços, onde o ser humano desempenha funções significativas, como por exemplo, a atividade laboral que o idoso fazia antes de se aposentar pode ser considerado um hábito de desempenho ocupacional.

A outra definição para a habituação se refere aos hábitos de rotina, onde são ligados ao tempo e ao lugar, é basicamente a programação do dia a dia. Pode ser o que o idoso planeja fazer ou faz todos os dias, as atividades ocupacionais que são significativas ou não.

Há também os hábitos de estilo, definidos pelas características individuais de cada um, ou seja, se o idoso sabe se impor e como ele é visto pela sociedade.

Todas essas características impõem um papel ocupacional para a pessoa. Este papel ocupacional é a incorporação de um estado social e pessoal definidos sobre um conjunto de atitudes e ações. Geralmente a identificação do sujeito é feita pela sua ocupação, em parte porque a ocupação é um reflexo social importante durante os ciclos da vida.

Vilela e Paulin (2014) afirmam que ter um papel ocupacional é uma das formas de se identificar na sociedade, como por exemplo, os papéis de homens e mulheres, que podem diferir um do outro. É importante considerar que as mulheres são mais propícias as construções de novos papéis na aposentadoria, pois socialmente, ela costuma ter diversos papéis.

Nos estudos analisados observa-se o importante papel da Terapia Ocupacional no trajeto da aposentadoria em decorrência dos papéis sociais e ocupacionais que são perdidos em função do fim do tempo de trabalho de pessoas “ativas” na sociedade. Há uma ruptura no

cotidiano desses indivíduos e o terapeuta ocupacional com seu olhar holístico, pode criar junto com seus pacientes formas de reconstruir, ressignificar o cotidiano, recriar papéis ocupacionais importantes na vida deste idoso, assim como novos hábitos e rotinas.

É possível notar nestes estudos a predominância dos projetos de vida e planos pós aposentadoria (PPA) como recurso terapêutico para a recuperação de papéis ocupacionais, bem como a influência da sociedade na vida desses idosos.

Santana e Belchior (2013) realizaram um estudo onde analisaram filmes que tinham idosos como personagens, a fim de observar como eles são retratados na sociedade através de seus papéis ocupacionais e como essas são características representadas, levando a refletir na maneira em que essa representação pode influenciar para a estigmatização do idoso tanto nas telas, como na vida real. Alguns dos filmes mostraram que a chegada da aposentadoria gerou dificuldade na reorganização do cotidiano desses idosos e um sentimento de inutilidade. Entretanto, na vida real esse sentimento não deve ser generalizado, visto que nem todos os idosos se sentem dessa forma.

Os papéis ocupacionais que duradouros estavam relacionados ao campo dos relacionamentos. Os vínculos afetivos e fortalecimento de laços em relacionamentos pessoais são um aspecto fortalecedor na reorganização do cotidiano e na construção de novos papéis ocupacionais (VILELA e PAULIN, 2014; TIVERON, 2018; SANTANA e BELCHIOR, 2013).

Em sua dissertação de mestrado, Rebellato (2012) realizou uma pesquisa com o objetivo de verificar a relação entre os papéis ocupacionais e a qualidade de vida em idosos residentes de uma comunidade. Em um comparativo entre passado, presente e futuro. No passado, o estudo revelou que os principais papéis realizados pelos idosos eram de trabalhador e estudante, membros de família e de passatempos. No presente, esses papéis se tornaram passatempo, serviços domésticos e membros de família, e prestarem aposentados. E para o futuro, pretendiam manter os mesmos papéis do presente ou mudá-los e continuar com papel de amigo e de estudante.

Neste sentido, como definido por Kielhofner e colaboradores e já mencionado nesse estudo, pode-se observar que os papéis ocupacionais se adaptam ao contexto do indivíduo, e que esses papéis sofrem modificações conforme as experiências e vivências que os indivíduos passam. As ações são influenciadas por um objetivo e consequentemente essas ações poderão se tornar papéis ocupacionais. Se um idoso aposentado resolve ir a Universidade se informar para poder começar a estudar, isto significa que a ação de ir a Universidade, em breve irá

Universidade será um hábito e fará parte de sua rotina, além de o idoso possuir um novo papel ocupacional.

Os hábitos e papéis ocupacionais são uma parte importante da vida cotidiana. A ruptura de papéis ocupacionais acarreta uma série de dificuldades na vida ocupacional do idoso, sendo necessária a intervenção do Terapeuta Ocupacional neste contexto.

5.2 Reflexões sobre a Volição

Para contextualizar o processo de Volição descrito por Gary Kielhofner, foram utilizados 2 estudos (NASCIMENTO e POLIA, 2019; TIVERON, 2008), que se encaixaram na descrição desta pesquisa. A volição possui ligação com as mudanças de ambiente e os processos de desenvolvimento do ser humano, ela interage com sentimentos e pensamentos.

O estudo de Nascimento e Polia (2019) é o mais recente desta pesquisa. É importante enfatizar que este estudo traz um debate sobre o cenário político atual a respeito das mudanças acerca da aposentadoria. As autoras informam que:

“[...]a população brasileira, de modo geral, tem se mobilizado em decorrência da Proposta de Emenda Constitucional conhecida como PEC 287/16, que propõe alterações com relação à idade mínima e ao tempo de contribuição dos trabalhadores para se aposentar, o que impacta diretamente nos projetos presentes e futuros de quem está próximo do período de aposentadoria” (NASCIMENTO e POLIA, 2019, p. 2)

O Modelo de Ocupação Humana foi utilizado como fundamentação teórica na pesquisa em questão. As autoras utilizaram a Volição, que tem como característica guiar as escolhas dos indivíduos através de uma motivação, para alcançar o objetivo de “conhecer a perspectiva ocupacional para a aposentadoria dos professores universitários” de uma Universidade Federal. Para alguns professores o fato de se aposentar e se afastar da docência é algo difícil de pensar, são os mesmos que não demonstraram preocupação quanto às incertezas da Reforma Previdenciária. Ser professor é como uma identidade, sendo impensável criar planos para a pós-aposentadoria. Outros professores afirmaram pensar no assunto, entretanto, não elaboraram nada específico em relação aos planos de pós-aposentadoria (NASCIMENTO e POLIA, 2019).

As questões levantadas nesse estudo permitiram e motivaram pensamentos e sentimentos com relação à chegada da aposentadoria para os participantes desta pesquisa. A volição pertence a um padrão de pensamentos e sentimentos do sujeito, sendo que a interpretação desses sentimentos leva as escolhas das próximas ações.

Na dissertação de mestrado de Tiveron (2018), através de suas intervenções em Terapia Ocupacional, a autora pôde relatar questões que surgiram como, por exemplo: a falta de ocupações significativas na vida de seus pacientes e como as atividades realizadas trouxeram resultados. Neste estudo, a autora retrata o processo realizado até chegar o momento em que os pacientes/clientes se permitiram conhecer e realizar novas atividades e logo após, quando essas atividades se tornaram significativas e viraram boas experiências.

O processo volitivo acontece a partir da escolha de atividades que fazem parte do contexto do paciente, incluindo seus pensamentos e sentimentos, além de a motivação do terapeuta ser um ponto positivo para ele realizar as atividades. Este processo volitivo pode ser identificado a partir da experiência que o sujeito tem através da atividade, a interpretação que ele faz ao realizá-la a independência para a escolha de atividades.

Sobre as atividades, convém salientar que no estudo de Tiveron (2018, p. 67), a proposta dos atendimentos era uma reflexão sobre “o momento de aposentadoria e de vivências relacionadas ao fazer, através da realização de atividades”.

“Essas atividades tiveram como objetivo a possibilidade de inventar novas formas de criar, de experimentar novas situações inéditas, de expressar-se e relacionar-se com o outro, de relacionar-se com a sua produção, de conhecer os significados das experiências vividas, da possibilidade de criação de novos investimentos que lhes dessem prazer e de novas possibilidades de inserção social” (TIVERON, 2018, p.67).

É de conhecimento comum a todos que a Terapia Ocupacional se utiliza de atividades para suas intervenções terapêuticas, mediante o que foi exposto neste estudo, percebe-se a importância das atividades no cotidiano das pessoas.

5.3 Reflexões sobre o Fazer Humano

O fazer humano foi observado em 2 estudos (PAULIN e OLIVEIRA, 2009; XAVIER et al., 2017). Estes estudos de apresentam conceitos do Modelo de Ocupação Humana citados por Kielhofner, contextualizados no fazer humano.

O estudo de Xavier et al., (2017) possui o objetivo de “compreender, a partir da percepção do aposentado, como as ocupações realizadas no percurso de vida participam da reorganização ocupacional na aposentadoria”. Ao analisar os relatos dos participantes, foi possível observar que havia muito de sua identidade ocupacional e de suas competências ocupacionais, que são caracterizadas pelo fazer humano.

O estudo retrata a imagem de idosos que mesmo estando aposentados continuaram criando modos de se manter ativos e ocupados, idosos que veem a aposentadoria como um meio de fazer algo novo, de ajudar o meio ambiente, ou de fazer algo para si, como uma caminhada, ou mesmo através de atividade laborativa casual. Este artigo expressa que o desenvolvimento de novas atividades se estende por toda a vida, dando continuidade a história ocupacional do sujeito.

Voltando as concepções iniciais do presente estudo, identidade é caracterizada pela participação ocupacional dos idosos, bem como pelas competências e adaptação. Xavier et al, (2017) refere-se à aposentadoria como uma das maiores transições ocupacionais que podem ser vividas. Ocupar-se pode ser uma base de apoio para estas adaptações do cotidiano, considerando o fato de que a história ocupacional é composta pelas atividades e papéis ocupacionais realizados pelo sujeito.

Paulin e Oliveira (2009) realizaram um estudo de caso onde foi possível observar a importância do terapeuta ocupacional no resgate de papéis ocupacionais importantes na vida cotidiana da idosa após a aposentadoria, além da recuperação da sua identidade ocupacional e o fortalecimento de vínculos e da sua participação social. Após a sua aposentadoria, a idosa mencionou não possuir atividades significativas na vida, não se sentia independente e não possuía autonomia, apresentando uma grande ruptura no seu cotidiano no seu processo pós-aposentadoria, ela que começou a trabalhar aos 18 anos de idade. A estratégia adotada para a intervenção terapêutica foi de encontrar atividades com significado, com a finalidade de preencher o lugar das atividades profissionais que ela exercia antes de se aposentar.

A inserção da idosa em atividades que lhe permitiu sentir prazer, mudar sua autoimagem e sentir independência possibilitou a paciente ter experiências que a levaram a sua competência ocupacional, cumprindo as expectativas nos seus papéis ocupacionais e realizando ações que foram necessárias para alcançar os resultados desejados em sua vida.

Para o MOH, o fazer é composto pela participação ocupacional, desempenho e habilidade ocupacional. A participação é tudo o que o ser humano realiza, como por exemplo, as atividades de vida diária. Pode-se aferir que nos estudos mencionados, a participação ocupacional, bem como o desempenho em atividades e a habilidade para desenvolver tais atividades foram uma característica forte dos estudos supracitados. A participação ocupacional acontece por meio das competências ocupacionais, de sua identidade e de sua adaptação ao novo.

5.4 Reflexões sobre o Modelo de Ocupação Humana no contexto da aposentadoria e ressignificação das atividades do cotidiano

Considerando tais colocações acerca do MOH, é preciso levar em conta que além de o presente estudo considerar o Modelo como relevante para a fundamentação teórica de estudos em Terapia Ocupacional, ele também pode ser usado na prática em intervenções, fato este que foi reforçado pelos estudos aqui expostos, onde os mesmos fizeram menção às intervenções de Terapia Ocupacional.

No período de coleta de dados foi possível analisar que são poucos os estudos que mencionam o Modelo de Ocupação Humana na prática de terapeutas ocupacionais brasileiros com idosos. Um estudo realizado por Cruz (2018) revelou que o desenvolvimento da Terapia Ocupacional no Brasil tomou caminhos diferentes do que nos países norte-americanos. Enquanto nos Estados Unidos, havia a criação e adoção de Modelos que pudessem ser utilizados na prática pela Terapia Ocupacional em 1970, e que foram difundidos pelo mundo, no Brasil não houve uma aceitação positiva desses Modelos.

No Brasil, a terapia ocupacional nas universidades vinha com a ideia de mudança nos cursos de formação que na época eram baseados no modelo americano de reabilitação. Com a democracia, a terapia ocupacional foi influenciada pelos movimentos sociais, que também resultou na criação do Sistema Único de Saúde (SUS), essas conquistas colaboraram para que terapeutas ocupacionais pudessem discutir sobre uma terapia ocupacional diferente da que é aplicada internacionalmente (CRUZ, 2018).

O Modelo de Ocupação Humana é um modelo centrado no cliente e possui uma visão holística, ele permite compreender o ser humano como um ser ocupacional, através de seus valores, interesses, meio ambientes e suas relações. Foi constantemente modificado a fim de abranger todas as etapas da vida humana.

Os processos envolvidos neste modelo podem ser observados na Figura 1 abaixo. Nela, é possível observar como todas as características do MOH estão interligadas.



FIGURA 1: O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO OCUPACIONAL
 Imagem adaptada do livro Terapia Ocupacional: Modelo de Ocupação Humana: Teoria y Aplicación.
 KIELHOFNER, 2004, p. 139.

As ocupações fazem parte do cotidiano de todo o ser humano. Quando o idoso cumpre seu tempo de trabalho e não possui um plano prévio de aposentadoria, o tempo que era destinado às atividades de trabalho pode se tornar ocioso, segundo os referenciais teóricos utilizados neste estudo.

O modelo de ocupação humana através de seus processos pode ser utilizado para identificar qual a área de ocupação do idoso está sendo prejudicada, sendo possível realizar a reorganização do cotidiano através do processo, analisando também como é a relação do ser humano com o meio ambiente físico e social através de suas ocupações.

A partir da análise da imagem acima, convém salientar que quando uma das engrenagens deixa de funcionar corretamente, as outras também apresentarão defeito futuramente. Quando as engrenagens funcionam perfeitamente, o processo de adaptação ocupacional do ser humano não apresenta rupturas nas suas ligações entre indivíduo e o ambiente, havendo uma harmonia no processo de adaptação ocupacional, onde o meio ambiente faz parte de todo o processo, pois ele sofre interferência de crenças, valores, costumes, bem como dos grupos os quais este indivíduo se identifica.

Diante de tal concepção, é válido ressaltar que a Terapia Ocupacional possui meios e formas de intervir nesse processo, como mostraram os estudos analisados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela observação dos aspectos analisados, constata-se que apesar de haver poucos estudos sobre do Modelo de Ocupação Humana brasileiros no que diz respeito a idosos no seu processo de aposentadoria, ele pode ser útil na reorganização do cotidiano de idosos ao se aposentar, visto que sua característica principal é a Ocupação Humana. O MOH é considerado um Modelo complexo, pois abrange todas as fases do ciclo de vida, em virtude disso, é possível encontrar atividades significativas para o idoso de acordo com os processos definidos por Kielhofner do MOH, nos quais ele apresenta dificuldade, considerando valores, interesses, capacidade de desempenho, identidade, competência e adaptação ocupacional, bem como suas habilidades e motivação para realizar novas atividades significativas no tempo que antes era destinado para atividades laborais.

Este estudo colaborou para demonstrar que o Modelo de Ocupação Humana pode ser considerado eficiente no que diz respeito a sua teoria em relação aos aspectos da aposentadoria e por possuir uma vasta gama de recursos teóricos, ele pode ser eficiente na prática de Terapeutas Ocupacionais que desejem trabalhá-lo em sua clínica.

Através dos estudos selecionados foi possível discutir sobre a perspectiva do modelo de ocupação humana no contexto da reorganização do cotidiano e de suas ocupações. Entretanto, devido a carência de estudos específicos relacionados a aposentadoria e o Modelo de Ocupação Humana dentro da reorganização do cotidiano de idosos no período pós-aposentadoria, foi necessário expandir o horizonte das pesquisas relacionando com a Terapia Ocupacional, que através de suas intervenções.

Espera-se que este estudo seja uma ferramenta motivadora para novos estudos que utilizem o Modelo de Ocupação Humana na prática dentro do fenômeno da aposentadoria, sendo possível expandir sua utilização e realização de outros estudos no Brasil, visto que a população brasileira vem envelhecendo nos últimos anos, devido às características e mudanças da sociedade.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei nº 8.213, de 24 de julho de 199. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 jul. 1991;

BULLA, Leonia Capaverde; KAEFER, Carin Otília. Trabalho e aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado. **Revista Virtual Textos & Contextos**. Nº 2, ano II, dez. 2003;

CAMARANO, Ana Amélia. **Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 604 p. 2004;

VERAS, Renato; LOURENÇO, Roberto. **Formação Humana em Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: UnATI/UERJ, 344p. 2006;

FREITAS, Elizabete Viana de, et. al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 3. ed. [Reimp.] 2013;

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 292 p. 1988;

PINTO, B. O. S.; COELHO-JÚNIOR, J.B.L. e CARRETEIRO, T. C. O. C. Aposentadoria no Brasil: uma reflexão sobre os horizontes da população produtiva. **Brazilian Journal of Production Engineering**, São Mateus: Ed. CEUNES/DETEC. Vol. 5, N.º 2, 20-30p. 2019;

RIBEIRO, et al. Perspectiva sobre a aposentadoria e o trabalho na pós-aposentadoria na terceira idade: Revisão de Literatura Brasileira entre 1994 e 2014. **XIV SEPA - Seminário Estudantil de Produção Acadêmica**, UNIFACS, 2015;

SILVA, Vanessa. Velhice e Envelhecimento: **Qualidade de vida para idosos inseridos nos projetos do SESC-ESTREITO**. 2009. 71f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Santa Catarina – Centro Sócio Econômico. Departamento de Serviço Social, Santa Catarina, 2009;

PAPALEO NETTO, M. **Tratado de gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 2007;

SPIRDUSO, W.W. **Dimensões físicas do envelhecimento**. Barueri, SP: Manole, 2005;

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994;

SILVA, Maria da Glória Silva e. **Idosos Aposentados: Representação do Cotidiano**. **Est.Interdiscipl**. Envelhec, Porto Alegre: v.1; p. 91-104. 1999;

GALHEIGO, S. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 14, n. 3, p. 104-109, 1 dez. 2003;

HELLER, A. **Cotidiano e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985;

KUNZLER, Rosilaine Brasil. **A resignificação da vida cotidiana sobre a aposentadoria e o envelhecimento**. 166 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009;

MENDES, Jussara Maria Mendes; BELLINI, Maria Isabel Barros. **Perspectivas da produção do conhecimento em Serviço Social**. EDIPUCRS, 391p. 2004;

MARGALHO, Blenda Calderaro. **A Psicomotricidade e a Terapia ocupacional na arte do envelhecer**. 2005. 38f. Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação – Universidade Candido Mendes – Pós-Graduação Latu Sensu, Projeto “A vez do Mestre”, Rio de Janeiro, 2005;

CASTRO, Eliane Dias de; LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo; BRUNELLO, Maria Inês Britto. **Atividades humanas e terapia ocupacional**. In: *Terapia ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas*[S.l: s.n.], 2001;

RIEGO, Sergio Santos del. **El ser humano como ser ocupacional**. *Rehabilitación*; 39(5): 195-200, 2005;

COSTA, Elson Ferreira; et al. Ciência Ocupacional e Terapia Ocupacional. Algumas Reflexões. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** Rio de Janeiro. V.1(5): p. 650-663. 2017;

CARLETO, et al. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: Domínio e Processo – 2ª Edição. **Rev. Triang.: Ens. Pesq. Ext.** Uberaba – MG, v.3. n.2, p. 57-147, jul. /dez. 2010;

MAGALHÃES, Livia. Ocupação e atividade: tendências e tensões conceituais na literatura anglófona da terapia ocupacional e da ciência ocupacional. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 255-263, 2013;

PAULIN, Grasielle Silveira Tavares; OLIVEIRA, Marina Leandrini. **Terapia Ocupacional no Processo de Envelhecimento e Aposentadoria: construção de espaços saudáveis**. *O Mundo da Saúde São Paulo*: 33(2):246-252, 2009;

KIELHOFNER, Gary. **Terapia Ocupacional. Modelo de Ocupación Humana: teoría y aplicación**. 3ª ed. – Buenos Aires: Médica Panamericana, p. 660, 2004;

SILVA, Sabrina Marcondes T. da; CASSIANO, Janine Gomes. O fazer: O processo de reconstrução do cotidiano do idoso: Revisão de Literatura. **X Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VI Encontro Latino Americano de Pós-Graduação** – Universidade do Vale do Paraíba. p. 2687-2090.2006;

MOHO. **Model Of Human Occupation: Theory and Application**.23 jun. 2019. Disponível em: < <https://www.moho.uic.edu/resources/about.aspx>> Acesso em: 23 jun. 2019;

SOARES, L.B.T. **Terapia ocupacional lógica do capital ou do trabalho? Retrospectiva histórica da profissão no Estado brasileiro de 1950 a 1980**. São Paulo. Hucitec; 1991;

WILCOCK, Ann. Uma teoria da necessidade humana de ocupação, **Journal of Occupational Science**, 1: 1, p.17-24, 1993;

KIELHOFNER, G.; BARRET, L. **O modelo da ocupação humana**. In: NEISTADT, M. E.; CREPEAU, E. B. *Terapia Ocupacional - Willard & Spackman*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 490-492. 2010;

STOFFEL, Diane Priscila; NICKEL, Renato. A utilização da atividade como ferramenta no processo de intervenção do terapeuta ocupacional em reabilitação neurológica. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 617-622, 2013;

AOTA. American Occupational Therapy Association. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo - 3ª ed. traduzida. **Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo**, 26(esp), 1-49. 2015;

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. **Perspectivas de crescimento para a população brasileira: velhos e novos resultados**. Rio de Janeiro: IPEA,2009;

XAVIER, C. M. N., et al. A aposentadoria na perspectiva ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional. Universidade de São Paulo** 28(2):214-220 maio/ago. 2017;

KIELHOFNER, G. **Model of human occupation: theory and application**.4. Ed. Philadelphia: Lippincot Williams & Wilkins, 2008;

SILVA, Denise Guerreiro Vieira da; TRENTINI, Mercedes. Narrativas como técnica de pesquisa em enfermagem. **Rev. Latino-Am. De Enferm.** Maio/jun. 2002;

MANCINI, Marisa Costa; SAMPAIO, Rosana Ferreira. Quando o objeto de estudo é a literatura: estudos de revisão. **Rev. bras. fisioter.** vol.10 no.4 São Carlos. Out/dez. 2006;

RIBEIRO, José L. Pais. Revisão de investigação e evidência científica. **Psic. Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 15, n. 3, p. 671-682, dez. 2014;

GONÇALVES, Liana Sousa Vasconcelos. **A família e o portador de transtorno mental: estabelecendo um vínculo para a reinserção à sociedade**. 2010. 28f. Trabalho de Conclusão de Curso –Universidade Federal de Minas Gerais, Curso de Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família. Manhuaçu, Minas Gerais. 2010;

VILELA, Julia Moraes; PAULIN, Grasielle Silveira Tavares. Estou me aposentando, e agora? Contribuições da Terapia Ocupacional na reorganização do cotidiano. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos**, v. 22, n. 3, p. 497-505, 2014;

NASCIMENTO, Pamela Daniel Machado; POLIA, Andreza Aparecida. Planos para o futuro: uma análise da perspectiva ocupacional de professores universitários para o período da aposentadoria. **Cad. Bras. Ter. Ocup.** São Carlos, 2019;

REBELLATO, C. **Relações entre papéis ocupacionais e qualidade de vida em idosos independentes, residentes na comunidade: um estudo seccional**. 2012. 241f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil. 2012;

SANTANA, Carla da Silva; BELCHIOR, Carolina Guimarães. A velhice nas telas do cinema: um olhar sobre a mudança dos papéis ocupacionais dos idosos. **Revista Kairós: Gerontologia**, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 93-116, mar. 2013;

TIVERON, Regina Maria. **A Terapia Ocupacional no Campo da Gerontologia: uma contribuição para a revisão de projetos de vida**. 2008. 125f. Dissertação de Mestrado em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2018;

CRUZ, Daniel Marinho César da. Os modelos de Terapia Ocupacional e as possibilidades para a prática no Brasil. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** Rio de Janeiro. v.2 (3): p. 504-517. 2018.